



2

# O ESPECTRO

Preço 30 réis

O ESPECTRO É A SOMBRA DAS VÍCTIMAS QUE ACOMPANHARÁ SEMPRE OS SEUS ASSASSINOS E OPPRESSORES — É A *umbra mortis*, ESSE PHANTASMA QUE NÃO DEIXA O RICO NO SEU PALACIO NEM O POBRE NA SUA CABANA — É O INNOCENTE A CLAMAR VINGANÇA CONTRA O SEU PERSEGUIDOR — É O DEDO INVISIVEL DA PROVIDENCIA A ESCREVER NAS PAREDES DA CASA DE BALTHASAR A SENTENÇA DA SUA MORTE.

(A. Rodrigues Sampaio,  
O ESPECTRO).



# O ESPECTRO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NAS OFFICINAS  
D'A POLYCOMMERCIAL, R. D'AL-  
CANTARA, 41-A A E. — LISBOA.

**ASTRIGILDO CHAVES**

*Director, editor e proprietario*

*Avulso* ..... 30 réis  
*Série de 10 numeros pelo correio* 350 réis

*Redacção e Administração:*  
CALÇADA DO GOMBRO, 38, 2.º — LISBOA

## Grande Loteria Nacional

primeiros premios :

2.227\$500 ..... Sociedade da Cruz Vermelha

3.750\$000 ..... João Chagas

40.000\$000 ..... Leotte do Rego

60.000\$000 ..... Revolução de 14 de Maio

900.000\$000 ..... Expedição a Angola

30.000:000\$000 ..... Participação na Guerra Europeia

NOTA — Segundo calculos do sr. Aresta Branco, o deficit attinge já nesta altura 100.000:000\$000!



# Dom Quixote Cunha e Costa

## Terror dos germanophilos...

---

«Chegou a hora de se acabar com a politica indecisa que os governos teem mantido! E' absolutamente necessario que os nossos soldados e os nossos officiaes enfileirem desde já junto d'aquelles que luctam pela liberdade humana!

«Viva a participação de Portugal na guerra!...»

(Do discurso do capitão Aragão, no Funchal).

O Mundo illumina o lanternim aremilar, a «quadrilha anonyma», d'olho egoistamente cúprico pró oiro, que agora, mais do que nunca, lhe parece tilintar no saquitel, bota girandolas de foguetes; embandeira em arco a sua monomania alliado-phila o sr. Cunha e Costa... *Ecce homo!* Eis o homem que a Providencia envia das prisões d'Africa e para o qual se vae tentaculisar, desvergonhadamente, a ver se o caça o interesse vil, material e intelectual, dos individuos, das quadrilhas e das facções... Pobre tenente Aragão, que se não tiver aquelle espirito forte de lucidez e de independencia, vae ser pobre joguete de exploração infame, da politica jacobina contra a patria, de concussionarios vesgos contra a honra da nação, de intellectualidades trapaceiras contra a marcha ascencional da civilização humana!

A cathechese, ou a rede, ou os tentaculos traidores do polvo mise-

ravel começaram já a envolvel-o, mal o bravo portuguez pisou terra amada da patria, lá no Funchal. Deu-lhe a primeira *acolade patriotique* em nome do partido e da ideia de perda nacional, o cidadão Sebastião Heredia, revolucionario outubrino e supposto comparsa do regicidio; o Silva Graça já alugou menestral de banza engalanada, prós encomios preversos de hermaphrodita e *d'homme d'affaires*; falta só agora que o sr. Cunha e Costa, grão-mestre da *robinocracia* lusa, continue a sanfonar nos prelos aquellas audaciosas apologias de Decadencia e de Morte, — ultimos vislumbres d'uma inteligencia que se extinguiu—e que marcam no nosso meio pusilanime e analphabeto, já pela essencia falsária das suas afirmações, já pelas aggressões brutaes e alvâres de que são alvo os portuguezes monarchicos que ha 5 annos se batem pela liberdade da Patria—e que foram os mesmos que



o receberam de braços abertos quando elle veio da Bifrontice—a quanto sobe a desvergonha e a quanto desce o servilismo.

Nós não costumamos lêr o sr. Cunha e Costa, sempre o tivemos por um desorientado e por um pedante. A sua intellectualidade de bacharel sabido e batido, que é no que se resume a sua fecundia,— a habilidade do truc e o chavão do Direito, que espremidos dão o zero da sua alta sabedoria—eram, desde começo da sua supposta apostolisação monarchica, como sentinellas a por-nos de sobreaviso. E os tempos terriveis que correm não são para abiliidades ou politiquices. Depois o seu jacobinismo, sim, o jacobinismo que lhe ficou pegado ao corpo como uma camisa suja, era de molde a infundir sérios receios áquelles que, cheios de entusiasmo e de fé, se empenhavam em conduzir o paiz á Restauração Monarchica, para a qual a innoculação do seu *virus* politico era sério prejuizo. Porque não se deixou a excellencia ficar no partido democratico, ao lado do Tsar Affonso, seu émulo na habilidade do truc e seu rival no chavão do Direito? *Porque dois cães a um osso...* respondia o nosso criterio de *pseudo-intellectual*, que anda na lua que é como o ex-empregado jornalístico do *Seculo* e do *Mundo* costuma chamar a quem não pensa como elle. Pois não tardou muito que a nossa previsão funesta fosse realisada com aquella sua desastrosa, incongruente ou malévola proposta do Rei tirado á rifa nas *constituintes*, com que veio fazer resuscitar uma causa morta, dar vida artificial ao partido miguelista, e desorientar, entibiar, desgostar o espirito colectivo do

paiz, cuja convicção até ali era nitida e forte, e a aspiração só uma : *D. Manuel foi, é e será o Rei de Portugal.*

Não fallo já da essencia anti-monarchica ou jacobina da proposta,— isso deixei-o bem demonstrado na *Acção Nacional*, para prova de que o seu auctor traz pegada ao corpo a camisa democratica. Eu é que não deixei passar em claro aquillo que, por mim reputado insensatez ou artimanha, constituia prejuizo para a Causa que com devoção e criterio defendia, defendo e defenderei até á morte. E isso levantou celeuma em certas egrejolas facciosas, té mesmo em salões aristocraticos, que os meus pesórros de alemtejano não pisam e onde a minha espinha, semi-encurvada dos trabalhos da vida e da ruina dos carcereiros, serviria até de pretexto pró risinho das secias e prás gá-gáizadellas dos muscadinhos... Levantou celeuma, disse, e contra o homem que ergueu o gládio e solícito correu em defesa do Sagrado Principio e da Bandeira do seu Rei, cimentaram-se odios e correu por vielas tenebrosas a intriga escaveirada. Porque o grande mystificador, era a esse tempo, (se não é ainda hoje!) a sybilla ou pythenisa de Cumas, onde iam beber a sciencia da vida alguns chefes monarchicos. E era ahi justamente que residia o perigo de innoculação das suas ideias deleterias. Ahi a fonte de desorganisação e de desordem e de desmoralisação partidaria. Ahi a causa de tanta incompetencia e tanta asneira, de tanta covardia e de tanta falta de fé. Ahi uma das razões, e talvez a maior, — que tem sido a sua obra jornalística inhabil—por que agora o sr. Cunha e Costa *não vê furo para*



*se sahir d'esta afflictiva situação, nem mesmo com uma Restauração Monarchica!*

E como s. excellencia ha de ser sempre o mesmo Cunha e Costa, em vez de estudar os meios de arrancar o paiz á afflictiva situação, vem aggravar-a, em vez de dar alento e solidificar o espirito collectivo, vem prevertel-o e desoriental-o com as suas symphonias alliadophilas, que são tudo quanto de mais insensato e parvo se tem escripto em lingua portugueza.

Digam, leitores: o que é que o *Espectro* deve fazer ao Cunha e Costa?

Uma senhora, illustre entre as mais illustres, pela virtude, pela nobreza e pela intelligencia, que muito respeito, admiro e idolatro, fidalga de peregrinas mãos e cuja alma christianissima e portuguesissima, tem sido talvez durante o captivo jacobinino a mais rutila e rescendente affloração do sentimento nacional, quando da outra vez desanquei o troca-tintas, escreveu-me longa e gentil epistola, em que me pedia, por Deus, que não tocasse com o azorrague da minha prosa no sr. Cunha e Costa. E tristemente, tremendo pelo futuro, dizia: «o que será de nós, se os senhores aggridem todos os que de boa vontade ingressam no nosso partido?»

Pobre e santa creatura! Espirito immaculado e dedicado, que lá do palacio albente do Ideal que habita, não pode distinguir sequer os rastos indeleveis da miseria dos homens! Pois ahi está a justificação do meu ataque ao Cunha e Costa, na sua reincidencia. Já não sente as espadeiradas que levou! Pois d'esta vez vae ficar-lhe de emenda. Hei de pisal-o a pés e sepultal-o em lama.

Nem o Anjo peregrino da paz, que por elle rogou na epistola, lhe valerá: quer dizer: nem Deus nem o Diabo!

A participação de Portugal na guerra deve resolver-se debaixo de dois pontos de vista: a *questão moral* e o *interesse patrio*. Em boa politica não ha outra maneira de a gente se metter a querer saldar favoravelmente essas contas correntes dos conflictos armados, a não ser que se queira jogar á sorte a independencia nacional. Ou que se queiram servir interesses extranhos. Ou que por ahi, na sombra, alveja a mão descarnada de um phantasma negro... Que o nosso dever manda seguirmos a sorte dos alliados... é o ócco argumento dos parlamentares. O nosso dever? Não percebo. A letra dos tratados — é letra morta! Mas o sr. Cunha e Costa, com os *intellectuaes* democraticos, — pudera! está no seu meio! — reforça o decantado argumento com outra nephelitalice maior — que é a causa da civilização latina ameaçada pelas aguias teutonicas que nos cumpre defender, engrossando nós — os que ainda nem sequer alma tivemos para repôr El-Rei no throno — as fileiras de sir John French, esquerda da grande linha de batalha. Nós os pusilanimes, os castrados, os tibios, que, a tratar-se de causa de civilização, temos aqui dentro de casa a *kulture marroquina*, a barbaria priméva restabelecida, o maior fóco de infecção social de todos os tempos, e Deus do Céu! ha cinco annos que se préga a guerra-santa e ainda não houve meio de formar em linha toda uma maioria indignada e escravizada, e



num impeto de revolta, limpamos a ferro e a fogo a terra patria do invasor barbaro-formigal, coisa mil vezes mais facil, que nos haveremos com uma só companhia de infantaria bávara!

Mas o que é isto da causa da civilização latina, e qual é a causa da civilização latina do sr. Cunha e Costa?

Civilização é, em abstracto, o termo que vulgarmente significa a marcha ascencional do progresso da humanidade. Povo ou raça, que n'um dado periodo, caminha na vanguarda dos outros povos, facho da sciencia a illuminar-lhe a estrada do Espaço e do Tempo, gládio reluzente na dextra, com que marca e guarda os dominios das suas conquistas, dá o nome a essa etape da civilização. Todas ellas se succedem e encadeiam. Nascem, vivem: e quando gastas da canceira de tanta luz jorrada dos olhos fecundos, se extinguem, legam a avultada fortuna ao seu universal herdeiro. Civilização assyrica, chaldaica, hindú, egypcia, phenicia, hellenica, romana. O que resta d'ellas? Nada... e tudo. Tudo menos a cultura juridica do sr. Cunha e Costa.

A civilização latina, impulsiona-da pela fé christã, teve o seu apogéo alumbrante e marcou rastro auriluzente atravez do mundo. Os seus deuses foram Camões e Dante, Ferrugino e Raphael, D. Diniz e o Principe Perfeito... Mas a Renascença deu-lhe golpe profundo na ilharga: de então para cá entrou na decadencia. O seu fulgor rutilante de estrela norte da humanidade, foi-se extinguindo pouco a pouco. Amanhã terá que ser absorvida por outros

soes, cuja luz se desenvolve a olhos vistos, assombrando o mundo...

Vivemos n'um grande periodo de transição. O genio latino, tornou-se improdutivo, paralyzaram-se-lhe as faculdades creadoras. Nós, os mericionaes, vivemos já n'uma imobilidade dolorosa, sem ter forças para agir nem credo que nos dê alma. De ha muito já que estagnámos: somos uns parésicos. Sem o perceber talvez, vivemos ha muito tempo vida artificial, á custa alheia,—de energias novas e fecundantes da grande civilização embryonaria, que não sei bem dizer qual ella é. Pode ser a anglo-saxonica, a germanica, a nipponica, a slava...

E' vêr donde veem os clarões da sciencia, donde importamos o avanço das artes, onde as industrias produzem maravilhas e as agriculturas montanhas d'oiro. E' vêr onde se constroem machinas como torres, como castellos de aço, com milhões de rodizios, filamentos, nervuras, que parecem ao mesmo tempo erguidas por titans e tecidas pelas mãos subtis de Arachnéa! E' vêr, salvo mui raras excepções, donde nos veem os grandes inventos modernos, desde os arietes monstros e exterminadores do seculo, ás drogas redemptoras que retemperam os nossos organismos avariados! E' vêr aonde o Estado se mantem integro e forte em toda a esplendidez do corpo politico. Aonde ha liberdade e ha ordem, aonde ha trabalho e riqueza, aonde ha harmonia e luz!

A civilização latina, a civilização latina...

A'quelles, e muito particularmente o sr. Cunha e Costa, que, fazendo por politiquice ou por infamia o jogo dos alliados veem com os sup-



postos barbarismos dos processos bellicos dos allemães, falseando propositadamente a verdade ou por ignorancia do que seja a guerra moderna, direi: — A arte militar consiste toda ella na astucia. Quem melhor as tem, melhor as joga. A victoria de um exercito está no aniquilamento ou destruição do exercito adverso. Tratados, direitos das gentes, congressos de paz, não são feitos para a guerra; leis — sahem da bocca dos obuzes: quem melhor lingua de metralha tiver, melhor as dita. *A guerra é aquelle monstro formidavel que devora cidades e reinos inteiros...*

Não se lembra já talvez o sr. Cunha e Costa, *portuguez discipulo da França*, de Mr. Guillotin, o grande inventor da decadencia latina. Pois não será a sua machina terrivel, macabra, sinistra,—que por humanidade apresentou á primeira republica e que tantos milhares de entes humanos havia de assassinar, cobrindo de sangue, de luto e de dôr a França inteira, não será a sua invenção terrivel, decapitando o frio, em plena paz, mais barbara e miseravel que a aeronave do Conde Zepelin ou o canhão 42?!

E isto me fez acender ao espirito, agora, que afinal todo o latinismo de que s. ex.<sup>a</sup> se armou estultamente o paladim, sahiu da revolução franceza. O tartufo, o trampolineiro! Aonde diz direito romano, deve ler-se: *direitos do homem e do cidadão...* E ainda ha quem grame este desorientador idiota e velhaco da sociedade portugueza! E ainda ha monarchicos que enfiam o braço ao incolor ou bifronte Cunha e Costa que, com o sr. Moreira d'Almeida, o sr. Alpoim e outros politicastros

d'oficio, hão sido os unicos e véros auctores dos successivos mallogros das contra-revoluções monarchicas e, portanto, os maiores servidores do sr. Affonso Costa e da republica!

O *Espectro* ha de marcar com o sangue das suas vitimas, a fronte miseravel de todos estes patifes. A posteridade ha de saber pelo bronze da minha prosa quanta fé, quanta coragem, quanta magnitude de sacrificio e de civismo, se tem congregado á volta da bandeira azul e branca, para uma dezena de grilhetas politicos, alcandorados nas chefaturas, desperdiçar, calcar a pés, cuspir, trocar a oiro! A eterna victima tem sido a Patria, o mais sacrificado o soldado humilde e o trahido em todas as conjuras — El-Rei D. Manuel!

Emquanto não correremos a pontapés, para bem longe, estes Migueis de Vasconcellos — não faremos a restauração monarchica em Portugal. E' tarde mas ainda estamos a tempo. Animo!

Disse que a co-participação de Portugal no conflicto europeu deve ser resolvido sob dois pontos de vista — a questão moral e o interesse nacional — e não lá como o sr. bacharelóte pretende enganar os papalvos.

Da audacia com que desvergonhadamente cantou que não conhecia um só germanophilo portuguez que pela causa monarchica tenha arriscado uma só gotta de sangue, já lhe estoitou a castanha na boca com a declaração peremptoria e nobre do senhor Augusto de Magalhães, companheiro d'armas do glorioso Couceiro, afirmando-se amigo da



Allemanha, bem como muitos dos seus camaradas de lucta. Da outra, em que menoscabava e bolsava os mais barbaros dislates da disciplina railitar allemã, recebeu correctivo e licção do bravo, illustrado e prestigioso tenente Saturio Pires, tambem companheiro de armas do Defensor do Reino.

Nem a questão moral nem o interesse nacional nos mandam dar auxilio aos alliados. Ante a questão moral ergue-se do tumulto o espectro severo de El-Rei D. Carlos; o interesse nacional não nos obriga tambem a ir engrandecer mais o *leopardo inglez*, gordo e poderoso á nossa custa, do oiro do Brazil e da pilhagem dos nossos dominios coloniaes, e de quem até hoje temos sido os escravos. Tanto que não ha tratado em que a aliada se baseie para levantar d'aqui um exercito, sequer uma espingarda. A não ser que haja qualquer pacto secreto, negociado depois do 5 de outubro...

O unico tratado de paz e alliança que temos, e ainda vigora, foi assignado em 1661, durante as guerras da Restauração, e custou-nos uma princeza—D. Catharina, e uma cidade—Tanger. N'elle ficou estatuido que a Inglaterra «nos auxiliaria a manter a nossa soberania e independencia, contra quem tentasse offendel-as.»

Ora, a aliada, nunca cumpriu á risca este tratado, e se o cumpriu foi apenas com o fito caviloso de nos roubar descarovelmente. Por isso é que eu disse que, no caso de haver outro tratado (não ha!) que nos obrigasse a auxiliial-a, deviamos oppor formal recusa.

A nossa paz com a Hespanha, pela guerra da Restauração, foi nego-

ciada e concluida sete annos depois de assegurada a alliança, por mediação da Inglaterra.

«Quem se der ao trabalho de ler esse tratado, escreve o sr. Zeferino Candido n'um recente opusculo,—colherá a impressão de que fomos nós os vencidos! Parte e boa parte do nosso dominio colonial achava-se em mãos de extranhos, sendo Inglaterra dos melhores aquinhoados. Pois, do que estava em seu poder, tivemos de fazer renuncia, alem de novo quinhão de que lhe haviamos feito presente como apanagio da infanta. Hespanha ficou-nos com Ceuta, que o mediador nos obrigou a dar-lhe, e com Olivença, que o mesmo mediador se comprometteu a fazer-nos entregar, promessa que não foi cumprida até hoje. O centro e o norte do Brazil achavam-se em mãos de hollandezes. Nem Hespanha, que deixára fazer essa usurpação, nem Inglaterra, que se acabára de comprometter a auxiliar-nos na defeza da nossa integridade, nos prestaram o minimo appoio para expulsão do usurpador.

.....

Annos depois, a Inglaterra dava-nos o golpe de misericordia com a celebração do tratado... de Methwen. De facto este tratado destruiu toda a industria portugueza, anniquilou o commercio e navegação, abrindo na forma de monopolio, todo o nosso paiz á industria, navegação e commercio da Inglaterra.»

Quando da ameaça da invasão franceza, o mesmo inqualificavel cynismo e o mesmo espirito de rapi-nagem. Quando o ministro portuguez em Londres pede a Lord Grenville o auxilio de tres náus de linha



e duas fragatas, para se irem incorporar á esquadra portugueza, no mar dos Açores, este subtrae-se com evasivas ao cumprimento do tratado. A Inglaterra andava então clandestinamente negociando a paz com a França. Um bello dia sem respeito algum por nós, ou pela nossa situação grave perante as ameaças do Corso, manda occupar o Tejo por uma frota de mais de vinte navios de linha, exige do governo portuguez que as tropas inglezas guarnecessem os fortes do Bugio e S. Julião, e ordena a occupação militar da Madeira! Quando Junot invade o reino em nome de Napoleão, Inglaterra aconselha e favorece a sahida da familia real para o Brazil e a mudança da séde do Reino. Comprehende-se o negregado truc. Começa assim a capitulação:

Artigo 1.º—«Desde a firma do presente tratado, a ilha da Madeira e suas dependencias serão entregues a S. M. britanica, para serem conservadas e gosadas pela dita S. M. com os mesmos direitos, privilegios e jurisdicções com que até agora os gosou a corôa de Portugal.»

E na proclamação do governador inglez, ao tomar posse:—«O nome de S. M. será posto em todos os casos e logares em que se empregava o de S. A. R., o principe regente de Portugal.»

Mas ainda ha mais: Na questão da barca negreira *Charles et Georges* a alliada deixa-nos humilhar pela França. Pouco tempo depois é elle propria a humilhar-nos e roubar-nos mais uma vez, enviando-nos o celebre *ultimatum* que aqui se trans-

creve, e em 90 tanto fez erguer em fremitos de revolta aquelles que hoje lhe lambem as garras que nos tem roubado os dominios e o oiro e salsujado os brios:

«O que o governo de S. M. deseja e no que insiste é no seguinte: Que se enviem ao governador de Moçambique instrucções telegraphicas para que todas e quaesquer forças militares portuguezes, actualmente no Chire e nos paizes makololos e machonás, se retirem. O governo de S. M. entende que, sem isto, as seguranças dadas pelo governo portuguez são illusorias. Mr. Petre verse-ha obrigado, á vista das suas instrucções, a deixar immediatamente Lisboa, com todos os membros da sua legação, se uma resposta satisfactoria á presente intimação não fôr por elle recebida esta tarde; e o navio de S. M. *Enchantress* está em Vigo esperando as suas ordens.—*Legação Britanica, 11 de Janeiro de 1890.*

Por experiencia propria do passado, pela maneira desleal e infame como temos sido sempre tratados nas conferencias da paz, ainda que julgassemos crível a victoria dos alliados, o interesse nacional assim mesmo nos aconselhava a não jogar do seu lado, pois que iamos servir, não a raça latina, nossa macrobia mãe, mas pura e simplesmente a Inglaterra, que seria quem dictaria as leis da paz, comendo a propria França, como nos comeu sempre a nós, continuando a espoliação de tudo o que lhe conviesse e nunca perdeu a esperanza de nos apanhar, no seu sonho egoista e torvo de dominio do mundo. Servir a Inglaterra, demais na presente conjunctura,



era o mesmo que nós, eternas victimas de corpo dilacerado das suas garras,—nós os seus escravos, que a enriquecemos com o nosso oiro e a tornamos poderosa com o que lhe demos e o que nos roubou — quasi todos os vastos dominios em que o seu pavilhão corsario fluctua!—era o mesmo, disse, que dar o pescoço e o cutello ao carrasco...

Com a annunciada e promettida modificação do mappa mundial que, vá lá para aonde for a victoria, será factó, nós só temos que ir para onde o interesse nacional nos mandar ir. O nosso grande sonho de patriotas devia ser o de rehavermos o nosso vasto e exuberante império colonial, que anda por mãos alheias. Nós fomos os maiores colonisadores e civilisadores da Asia, da Africa e do Brazil. Possuimos todas as cartas patentes e fóros do nosso antigo patrimonio, que de muito serviriam no futuro congresso da paz,—aonde não presida o rapinante gallo bretão. Por este prisma, é que o interesse nacional nos manda encarar a situação. O resto são tranquiernas traidoras, que escuso de referir aqui, ou nephelibatices, parvoicadas, ou outra coisa ainda do sr. Cunha e Costa.

A Allemanha sempre respeitou os fóros de posse de territorios que d'outrem são e nunca se serviu da violencia, nem de processos indignos, na sua expansão colonial. Isto não é ser germanophilo, embora o fesse, mas proclamar com altivez e nobreza a verdade historica. A nós, pelo menos nada nos roubou, jamais de lá nos veio a mais leve affronta.

...ao passo que da outra... ou das outras, está dito tudo.

*Charles et George! 1890!*

Admirar a Força, o genio emprehendedor, a energia mascula e a cerebração fecunda, é sentir distender os musculos e ancearmos azas para voar. Não é, como o sr. Cunha e Costa diz, ter perdido os *valores moraes*, mas sentir-os renascer dentro da alma. *Os povos em que este phenomeno se gera e prolifera*, não são tal *carne de escravo*. Que obtusidade de raciocinio ou que descarada mentira de tripeça comicieira! Eu pergunto: quem lhe paga o frete, Cunha e Costa?

Os povos em que este phenomeno se gera, são aquelles que reagem contra a fatalidade que lhe circumvala ou asfixia a sua esphera de acção, e portanto reagem para sahir do circulo de ferro da imobilidade que mata ou decompõe. Reagir é viver; estar parado revela indecisão, agonia lenta, morte.

A apologia da decadencia e da morte publicada pelo eterno camaleão politico no *Jornal da Noite* e na *Nação*, é tudo quanto de mais anti-patriotico, estúpido ou venal appareceu na imprensa europeia, desde o principio da guerra. Vê o paiz á beira do abysmo, e, em vez de lhe fallar a linguagem singela e véra que o patriotismo honrado impõe, mente-lhe como um cão; encontra a nação pobre, exausta, miseravel, do roubo e do abandono, atascando-se, subvertendo-se no paul de Lerna da ignominia pra'onde a Demagogia a arrastou com mão sangrenta e, em vez de lhe estender braços carinhosos e de lhe dirigir palavras de consolo,—não digo já de a conduzir a estrada que a pobre cega procura em vão onde começa (o sr. Cunha e



Costa já a não conhece nem a distingue) assobia-lhe cynicamente o *de profundis*: — «Pobre Portugal que já não comprehendes nem o que isto seja nem o que isto valha!... Pobre Portugal que já não queres ser latino nem meridional!... Pobre Portugal, de cuja consciencia, desagregada e dispersa, não é possível extrahir uma Fé, uma Vontade, um Flano, um Fim!»

Que sacrilegio, que sacrilegio!

Um homem, talvez o mais illustre da Hespanha, rebellado contra o espirito decadente, insensato ou criminal, dos que pensam arrastar, como aqui, o seu paiz pr'a infructifera senão desastrosa alliadomania, responde assim, tapando logo a bocca ao sr. Galdós, ao sr. Cunha e Costa e tantos quantos cantores da morte apparecerem na peninsula:

«O que é mais reaccionario: acceitar e submeter-se á fatalidade ou procurar por todos os meios vencel-a e dominal-a?»

Os que acceitam essa fatalidade geographica e historica querem uma Hespanha submettida, servil, em uma palavra o que vem sendo a Hespanha ha muito tempo, etc.

Os que não acceitamos essa fatalidade queremos uma Hespanha forte, segura de si por seus proprios meios, livre para eleger as suas amisades e concertar as suas allianças. Convem com Inglaterra e Franca? Vamos com ellas. Convem com a Allemanha? Com ella tambem; mas não levados pela mão como creanças; por nossa propria vontade.

Que ninguem nos dite leis; que a nossa lei seja a nossa força...

A lei! as leis! Isso é o que signi-

fica o espirito dos que se chamam n'esta occasião defensores da liberdade e do direito. (Ajustar a carapuca ao Cunha e Costa!) O espirito livre, gazeteiro...

A lei é o *noli me tangere* de quem chegou aonde se propunha e não quer que ninguem vá desalojar-o de lá. Em nome da lei perseguiram os escribas e phariseus o Christo Redemptor...

Todo o espirito novo é destruidor de alguma lei. Tambem agora, os que fizeram leis de guerra á sua conveniencia, protestam contra o Imperio forte que não tem que respeitá-las, porque essas leis lhe dizem: «Soccumbe!» e elle, que se sente todo vigor e vida, pode responder: «Veremos quem succumbe.»

Ah! o argumento supremo — o militarismo, a força bruta! Ha que exterminar o militarismo.

Sim, é verdade. Tenha-se visto esses allemães. Sentem, sabem que estão rodeados de inimigos, e não cuidam mais que preparar-se para a defeza... São uns miseraveis!

No dia em que as nações invejosas do seu poderio, do seu commercio, da sua riqueza, quizeram annihilal-a, destruil-a, elles deveriam entregar-se sem resistir... Era o seu dever...

E se de militarismo falamos, durante o passado seculo e o que decorre, que nação nos tem aturdido mais com as suas empresas guerreiras, imperialistas e coloniaes? Foi a Allemanha? Fora a guerra de 70, a que foi provocada pelo Imperio francez, militarista por excellencia, em que outras funcções guerreiras interveio a Allemanha? Que conquistas, que imposições foram as suas? A sua colonisação tem sido



commercial e pacifica; não perturbou povos decadentes como a França perturbou Marrocos; os seus exercitos não andaram de Tokin a Casablanca; as suas allianças e os seus actos foram sempre defensivos... Ah! em como o importante são as palavras! Allemanha, Imperio!... Militarismo, despotismo!... França, Republica, ainda que busque a sua força no Imperio russo... Liberdade, democracia!»

Pobre Portugal, pobre Portugal, que depois de tão duras provações do captivo jacobino, ainda te vês ludibriado, escarnecido, zombado, sem que haja um espirito forte e subtil e um braço leal e vingador que castiguem o miseravel caixeiro das letras e o quadrifronte politico d'officio, matreiro, desleal e cubitoso, que serviu a todos os partidos sem que nenhum d'elles, como disse Rivarol referindo-se a Mirabeau, tenha a imprudencia de consideral-o filho dilecto do seu gremio...

### Post-scriptum

Já depois d'este numero do *Espectro* estar semi-composto, tivemos noticia da attitudo correcta e digna do tenente Aragão, na sua chegada a Lisboa. Furta-se aos vivórios de encommenda. Foge aos tentaculos preversos que para elle se distendem.

Recusando os galões de capitão e as honrarias com que os democraticos pretendem comprar a sua ser-

vitudo, fugindo com o cachaço á coleira, mostra-se bem um homem que não foi talhado para cão de fila nem para manequim. Demais, era bem visivel o premeditado suborno, contra que a sua alma de patriota se devia rebellar e o seu espirito militar não podia consentir: só a elle, — que com outro official regressara, e com uma folha de serviços, egual, senão mais bella que a sua, — premiavam, solicitavam, engalanavam a frente!... Por ser mais moço, uma creança quasi, e portanto mais facil de suggestionar, convencer, automatizar? Talvez...

Digna, patriotica, nobre e mascula é tambem aquella de exigir o castigo dos officiaes covardes que desertaram da linha de fogo, aos primeiros tiros. Invocando a disciplina militar e o brio nacional elle é bem um heroe antigo que resuscitasse do tumulo, erguendo a voz clamorosa e ingnada contra a anarchia lusibesta. Ainda no ultimo numero do *Espectro* se evocava um Nume que erguesse o azorrague contra os poltrões do exercito portuguez. Parece que a alma errante da Patria me ouviu e foi illuminar o Heroe! Que os tambores dos regimentos arranquem os galões aos braços miseraveis dos covardes!

No entanto, o que não liga bem com a sua attitudo nobre e honrada são as palavras, collocadas no alto d'este numero do *Espectro*, que a imprensa diz proferidas no Funchal. Não se acredita. São antagonicas com a sua conducta. Devem ser apocriphas. Oxalá...

Todas as pessoas que receberam dois numeros d'O ESPECTRO e nol-os não devolverem são considerados assignantes.

Para nos poupar despesas pedimos que nos enviem a importancia das suas assignaturas em estampilhas ou vale.



# Quando se restaura a Monarchia?

(Uma carta opportuna)

«... Pedes-me noticias sobre os nossos trabalhos para a libertação de Portugal da anarchia que o esphacella? Dizes-me dominar o desanimo em grande numero de legionarios da nossa causa? Pois meu caro: nem mesmo a ameaça de perdel-os todos, poderia forçar-me a dizer-te cousa alguma. E' a ordem. E agora as ordens cumprem-se. Não andam os segredos á mercê de bonifrates enfatuados que possam confial-os ás namoradas em missivas onde as tolices rescendem mais do que o perfume com que costumam impregnal-as.

Acabou tambem o tempo em que os *conspiradores* animavam os seus amigos e conhecidos com fallazes esperanças de revoluções, triumphantes *pela certa*. Muito temos aprendido com os nossos adversarios. Os planos traçam-se e põem-se em pratica, sem que alguém os conheça. Só uma cousa posso garantir-te: as dissensões entre monarchicos findaram e a ultima revolução, pelos seus resultados, deu-nos alguns milhares de preciosos elementos combativos, que em 4 annos de persuassão jámais conseguimos attrahir.

Dizes-me que o Cromwell portuguez e os seus *conselheiros* escrevem para ahi cartas a toda a gente, affirmando-lhes a solidificação da *basbaquice* e fazendo-lhes promessas animadoras?

S. Magestade e seus valiosos amigos não pódem fazer outro tanto. Não querem adhesões interesseiras. Demasiado sabem que os entusiastas d'hoje, vendo aspirações preteridas, serão os peores inimigos de amanhã.

E mesmo com a Monarchia restaurada a ninguem se pode fazer o minimo favor. Portugal está em ruinas. Ha necessidade absoluta de reconstruil-o, de sanear o mal, de metter a dissolução na ordem, de temperar os caracteres. Sacrificios a

todos e de toda a ordem, é o que a Patria póde supplicar. Não está em estado de dar e sim de pedir. Semelha-se a uma mendiga andrajosa, que espera a protecção de todos os filhos que a amem.

Tem confiança. A *basbaquice* desconfiada junta-se cada vez mais. O golpe de misericordia se-lhe-ha dado quando menos se esperar.

A restauração, no seu entender, não é espectáculo que se annuncie no cartaz, em dias e horas certas. Muito se tem perdido, devido á nossa demasiada loquacidade. Pois se, com o fallar, muito se tem inutilisado, justo é sermos d'ora ávante prudentes e mudos. Isto em attenção a ti e aos correligionarios desinteressados. Os outros, que o não são, pódem debandar á vontade. Voltarão ao cheiro do *isco*, apregoando-se sempre devotados servidores da Causa.

Já os conhecemos de sobra.

Confiança pois. A idade de *cinco annos*, segundo abalisados scientistas, é muito perigosa para as creanças rachiticas.

Ninguem tem mais vontade de regressar á Patria do que aquelles que, possuindo haveres sufficientes para desfructarem uma existencia risonha, andam pelo exilio aos baldões da sórte.

Até breve, em Portugal.»

Esta carta, foi escripta de Londres por um alto personagem. *A Bandeira Portugueza*, de S. Paulo, não vendo inconveniente, resolveu dar-lhe publicidade. Tal qual como nós, transcrevendo-a. Acha-mol-a até necessaria e opportuna.

Não a comentamos por desnecessario, ella é clara e terminante e fére fundo os maus monarchicos, os arranpitas da Causa que dizem defender.



# Varias das edições d'esta casa

## LIVROS DE ESTUDO :

Jorge Gavicho — ARIMÉTICA PRATICA, adótada na Escola de Comercio de Lisboa.

José C. Antunes Coimbra — GRAMMAIRE PRATIQUE DE LA LANGUE FRANÇAISE, adótada na Escola Rodrigues Sampaio e Escola Elementar de Comercio.

J. Cabanita — LIÇÕES PRATICAS DE PORTUGUÊS — 2.<sup>a</sup> parte. CADERNOS DE FREQUENCIA E APROVEITAMENTO do

alúno para as escolas primárias, cada caderneta para um ano. CADERNOS PARA ESCRITA COMERCIAL — Diario, Razão, Inventario e Balanços, Borradores, C/Correntes, Caixa, etc., adótados na Casa Pia de Lisboa e outros collegios importantes.

## OUTRAS EDIÇÕES :

A. Monteiro — CONTOS DA GARÓCHINHA — Livros de contos para crianças, absolutamente morais e instrutivos, profusamente ilustrados e com capa a côres. — Cada volume 10 centavos.

Varios autores — COLECCAO DESPORTIVA — Técnica de todos os desportos: AUTOMOBILISMO, FOOT-BALL, TÊNIS, ETC. — Cada vol. 15 centavos.

PAUTAS DAS ALFANDEGAS do continente e ilhas, com as alterações até 1913, tratados, convenções, etc. 1 vol. cart. 70 cent.

A. Monteiro — TABOAS SINOTICAS PARA EXAME E ANALISE DE FIBRAS, FIOS E TECIDOS. — Um volume ricamente encadernado 60 centavos.

J. J. Pereira Dias — AQUEDUTOS PONTES E PONTÕES, taboas, formulas e dados praticos, contendo 80.396 calculos e 4.398 obras.

Joana Castelbranco — Flutuações, versos. — 1 vol. 30 centavos.

J. Soutelo — CONTOS DE VIAGEM, alegres e inofensivos. — 1 vol. 10 centavos.

Joaquim Vieira — HIGIENE NAS MARCHAS DE INFANTERIA. — HIGIENE BOCAL NO EXERCITO.

Representante exclusivo de :

AS PRIMEIRAS REGRAS DO DESENHO, colecção de 10 excellentes cadernos a 2 centavos — muito superior a compendios.

MÉTODO PRATICO DE ESCRITA USUAL, colecção de 6 cadernos a 2 centavos. O alúno aprende por eles até à letra francesa e gotica.

Pedidos á secção de livraria de

**A POLYCOMMERCIAL**

**Rua d'Alcantara, 41-A a E**

**LISBOA**